

*Pawana,*  
J.M.G. Le Clézio



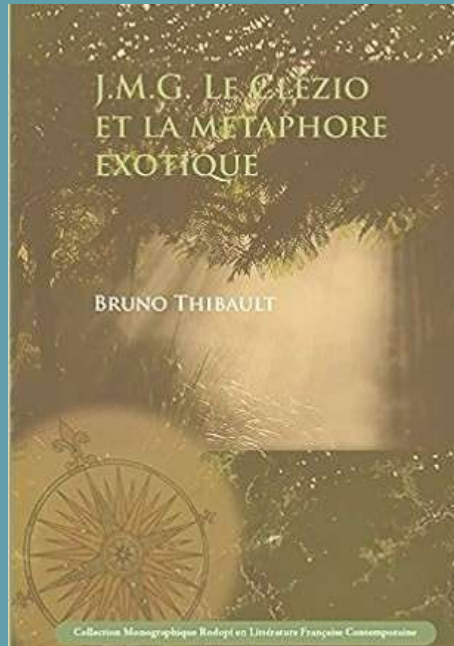


## Os estudos sobre Le Clézio e sobre *Pawana*

- PITILLO, Giovanni Ferreira. *Le Clézio e a aventura do narrar: um estudo de La Quarantaine*. Tese de doutorado. Unesp, 2009.
- GARRIDO, Maria Dolores Martins das Neves Sousa. *Errância: uma busca de comunhão universal em contos de J.M.G. Le Clézio*. Dissertação de mestrado. Universidade do Porto, 1998.
- GONÇALVES, Felipe Guimarães. *Viagem, iniciação e êxtase material em novelas de J. M. G. Le Clezio*. Dissertação de mestrado. UFMG, 2020.
- MARTINS, André de Carvalho. EN e Y nas traduções dos romances 'O africano', 'Pawana' e 'Refrão da fome' de J.M.G. Le Clézio. Dissertação de mestrado. UNB, 2013.
- Obs.: Quem tem medo de Itália Fausta? “A importância do fonema bilabial “b” na literatura dramática da ilha de Java nos três últimos dias do século V a.C.”



## *J. M. G. Le Clézio e a metáfora exótica*, Bruno Thibault



Professor at University of Delaware, Editor in Chief for Les Cahiers Le Clézio.



## Delaware e a língua colonial

**Delaware.** Estado dos Estados Unidos, rio e tribo nativa, todos nomeados em homenagem à baía, que recebeu o nome de Barão (comumente conhecido como "Lord") *De la Warr* (Thomas West, 1577-1618), primeiro governador colonial inglês da Virgínia. O sobrenome da família é registrado desde 1201, vindo de *Delaware* em Brasted, Kent, que provavelmente tem origem em *de la werre* "do guerreiro" (um guerreiro), do francês antigo *werre/guerre* "guerra";.

Do final do inglês antigo *wyrre*, *werre* "conflito militar em grande escala", do antigo francês do norte *werre* "guerra" (do francês antigo *guerre* "dificuldade, disputa; hostilidade; luta, combate, guerra;" do francês moderno *guerre*), do franco *\*werra*, do proto-germânico *\*werz-a-* (fonte também do saxão antigo *werran*, do alto alemão antigo *werran*, do alemão *verwirren* "confundir, perplexo"). Palavras cognatas sugerem que o sentido original era "trazer confusão."



## Delaware e a língua colonial

O espanhol, o português e o italiano *guerra* também são de origem germânica; os povos românicos recorreram ao germânico para uma palavra de "guerra" possivelmente para evitar o latim *bellum* porque sua forma tendia a se fundir com *bello*- "bonito". Não havia uma palavra germânica comum para "guerra" no início dos tempos históricos. O inglês antigo tinha muitas palavras poéticas para "guerra" (*wig*, *guð*, *heaðo*, *hild*, todas comuns em nomes pessoais), mas a usual para traduzir o latim *bellum* era *gewin* "luta, conflito" (relacionada a [win](#)).

O primeiro registro de ***war-time*** é do final do século 14. ***Warpath*** (1775) originalmente se referia aos indígenas norte-americanos, assim como ***war-whoop*** (1761), ***war-paint*** (1826) e ***war-dance*** (1757). ***War crime*** é atestado a partir de 1906 (em "Direito Internacional" de Oppenheim). ***War chest*** é atestado a partir de 1901; agora geralmente figurativo. ***War games*** traduz o alemão *Kriegspiel*.



## A guerra

As causas da guerra são sempre falsamente representadas; sua honra é desonesta e sua glória é meretrícia, mas o desafio à resistência espiritual, o aguçamento intenso de todos os sentidos, a consciência vitalizante de perigo comum para um fim comum, continuam a atrair aqueles meninos e meninas que acabaram de atingir a idade em que o amor, a amizade e a aventura chamam mais persistentemente do que em qualquer outro momento. O glamour pode ser o mero delírio da febre, que assim que a guerra acaba desaparece e se mostra como o fogo-fátuo que é, mas enquanto dura, nenhuma emoção conhecida pelo homem parece ter o poder convincente dessa vitalidade ampliada. [Vera Brittain (1893-1970), enfermeira, feminista e pacifista britânica em "Testament of Youth"].

O mundo nunca terá paz duradoura enquanto os homens reservarem para a guerra as melhores qualidades humanas. [John Foster Dulles (1888-1959, secretário de Estado norte-americano, Discurso sobre o Plano Marshall, 1948]



# Os projetos de Bruno Thibault sobre Le Clézio

## Projetos

- JMG Le Clézio Transnational Encounters: De maio de 2012 até o momento.
- Cahiers Le Clézio, número 6: “Voix de femmes”, coordonné par Marina Salles et Eileen Lohka.
- Cahiers Le Clézio, número 7: “Les langues à l'oeuvre” (Ao trabalho com as línguas), coordonné par Adina Balint-Babos et Isa van Acker.





## *J. M. G. Le Clézio e a metáfora exótica*, Bruno Thibault

A questão da “metáfora exótica” serve como fio condutor e ilumina a obra do autor a partir de um triplo ponto de vista: textual, antropológico e psicanalítico. A problemática inscrição do espaço e das viagens domina de fato toda a produção literária de Le Clézio; e esta inscrição vem acompanhada de uma certa ambiguidade genérica. Por um lado, a análise mostra que a escrita da viagem funciona como uma “escrita de limites”, ou seja, como um deslocamento do sujeito e do sentido. Mas por outro lado a análise mostra que a escrita da viagem traça uma relação singular e ambivalente com o espaço pós-moderno, com o desencanto do mundo e com o desaparecimento dos grandes mitos fundadores, questionando o próprio ato de criação literária. Ao mesmo tempo humanista e antidogmático, o trabalho de Le Clézio situa-se assim de forma original à margem dos grandes movimentos literários dos séculos XX e XXI, desde o novo romance dos anos 1960 até o “mundo-literatura” de hoje.





## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- *Pawana*, publicado em 1992, ano em que foram comemorados os 500 anos da descoberta da América pelos europeus.
- Não se trata de uma comemoração, e sim de uma crítica, por meio da criação de uma narrativa apocalíptica.
- Que evoca sobretudo “a destruição sistemática dos recursos naturais do continente”.



## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- A ação se passa em 1856, início de colonização da costa da Califórnia.
- É o período do desenvolvimento brutal e selvagem das grandes cidades americanas, como São Francisco, em particular.
- É o retrato do desenvolvimento da economia norte-americana em escala nacional.







## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- A descrição da matança das baleias é impressionante.
- Trata-se de uma indústria da morte, à custa da profanação da natureza.
- Fala-se da falta de escrúpulos devido à atração pelo dinheiro.





## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- Entretanto, a história não é sombria e pessimista.
- O narrador também descreve a beleza da natureza, o santuário onde as baleias dão a luz a seus filhotes.
- A viagem do Léonore é uma viagem de iniciação e de uma revelação.



## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- Charles é assombrado por suas memórias e pelo horror que causou, evocando o personagem Kurtz, de *Coração das trevas*, de Joseph Conrad.
- A relação entre John e Charles evoca a de Alexis e o Comandante Bradmer em *O pesquisador de ouro*, de Le Clézio.





## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- Além das vozes de John e Charles, há uma terceira voz, discreta, presente na narrativa: a voz do indígena.
- É essa voz que batiza o romance, inclusive.
- E é essa voz que evoca o passado mítico.
- A ativa reação entre essas vozes confere ao texto uma natureza essencialmente teatral.



## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- E essa voz é reduplicada em Araceli, o presente brutal que aniquila os indígenas.
- Historicamente, os indígenas desapareceram, então Le Clézio tenta restaurar a voz indígena – como uma 3ª voz – dentro da narrativa.



## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- O romance tem um enredo duplo e um conjunto duplo de temas.
- Ao lado da aventura baleeira, mostra-se a desventura indígena.
- A morte de Araceli simboliza o fim do sonho indígena e o desaparecimento do pensamento selvagem.
- O próprio Le Clézio nomeou esse processo, em *O sonho mexicano*, de “o drama do pensamento interrompido da América indígena”.



## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- Punta Bunda, em 1911, quando John amadureceu, é o protótipo de uma cidade moderna, um lugar de exploração da natureza e da violência das relações humanas.
- Punta Bunda talvez simbolize o tipo de cidade em que iremos viver no futuro.
- Paradoxalmente é em uma cidade assim que John vem resgatar suas memórias.



## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- John, sozinho, vagando por Punta Bunda, evoca a consciência solitária do homem moderno.
- Le Clézio usa o tema da viagem para tratar do mergulho do espírito na profundidade do inconsciente.
- A geografia no romance é uma metáfora da psicologia.
- O lugar secreto e sagrado corresponde na psique humana ao centro e à totalidade.



## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- Para o pensamento selvagem, as baleias simbolizam as águas primordiais.
- Elas são monumentais e antediluvianas, evocando um tempo antes do surgimento do homem.
- Ao entrarem no lugar secreto, os marinheiros são projetados rumo à aurora dos tempos.



## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- As baleias simbolizam o tempo da natureza, antes que houvesse ainda a consciência humana.
- Elas encarnam a divindade, inimigas da razão e da natureza emocional do homem.
- Ambiguamente, elas são descritas como deuses (tão grandes como os deuses) e diabos.





## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- A matança das baleias evoca o espírito moderno, niilista e destrutivo, não apegado a nenhum tipo de divindade.
- As gradações entre a caça, a morte, o sacrifício, a aniquilação.
- Quando um homem primitivo mata e sacrifica um animal, ele está reproduzindo simbolicamente a luta de todos os homens contra o caos primordial. Há nessas ações uma apologia da técnica a serviço do ser humano. Tecnologia esta que, empregada à máxima potência, leva à carnificina.



## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- Araceli também é caçada, morta, sacrificada, massacrada.
- John tenta localizar o túmulo de Araceli para se conectar com o pensamento selvagem.



## “Awaté Pawana, a visão do sagrado de J.M.G. Le Clézio” Bruno Thibault

- *Pawana* é a escrita do desastre (dis [ruim]-aster [astro]), isto é, quando um astro mau se coloca no caminho do homem.
- A narrativa sai do tempo linear e adentra o tempo circular do mito – que é, a rigor, o centro e a origem da psique.

# Dicionário Le Clézio - Pawana



<http://www.editionspassages.fr/dictionnaire-jmg-le-clezio/>



## “Pawana”, Robert Miller

Texto intermediário, *Pawana* apresenta características únicas em relação à obra de Le Clézio, ao mesmo tempo que reúne muitas das preocupações do autor, como o sagrado e a dessacralização do mundo natural e a opressão dos povos indígenas por uma modernidade violenta.

## “Pawana”, Robert Miller



- É um texto um pouco longo para um conto, um pouco curto para um romance, inicialmente concebido para o teatro, bastante ousado para um livro infantil, bastante despojado para um livro destinado a adultos.

# “Pawana”, Robert Miller



- Maravilhamento e questionamento.
- O sagrado, a dessacralização e o sacrifício.



## “Pawana”, Robert Miller



Assim, o olhar de John, que Scammon levará uma vida inteira para decifrar, reflete uma dupla admiração. Ele fica maravilhado com o desejo imenso e ardente dos homens, mas fica igualmente deslumbrado com o deserto infinitamente vazio que esse desejo deixa em seu rastro. Não só todos são procurados mortos, mas também aqueles que sucumbiram a um sonho de sangue: "O sangue não escurece mais o mar, as bacias dos portos estão vazias, a grande lagoa estremece ao vento como se nada disso tivesse existido, e que o os navios dos caçadores morreram junto com suas presas". O que começou por ser um conto de aventuras torna-se um conto de desânimo e questionamento onde os dois narradores relembrem e tentam em vão compreender: “Como podemos esquecer, para que o mundo recomece?, diz John, de Nantucket. Na véspera da sua morte, Scammon recordará o jovem imediato do Léonore, um olhar que lançava questões que ele próprio deveria ter feito antes de revelar irrevogavelmente o refúgio secreto das baleias cinzentas: “como se pode matar o que se gosta?”.

## “Pawana”, Robert Miller



No fundo deste questionamento, podemos ver na descoberta do sagrado uma lógica incontornável de dessacralização. A primeira vez que descreve a entrada na baía sagrada, Scammon diz: “Pareceu-me que de repente eu havia invadido um mundo perdido, separado do nosso por incontáveis séculos. O uso que faz do termo “arrombamento” sugere a natureza ilegítima e escandalosa dessa penetração. John observa, ao retornar três anos depois ao local do massacre: “Agora não havia mais segredo. O segredo é sagrado e o sagrado deve permanecer secreto. O desaparecimento dos dois não foi, porém, resultado de um acidente imprevisível, mas sim de um trabalho de destruição levado a cabo com frenesi, paixão e precisão. Na segunda vez que Scammon menciona isso, ele acrescenta: “nossa chalupa cortou as águas claras em silêncio, e foi a morte que trouxemos”.



## “Pawana”, Robert Miller

É de se perguntar por que Le Clézio associa a destruição das baleias cinzentas ao desaparecimento genocida de uma etnia indígena (os Nattick) e ao assassinato de uma mulher indígena. A aparente justaposição desses eventos sugere uma relação muito mais complexa. A escolha da palavra nattick como título da história e como nome das baleias implica que o povo nattick é mais do que apenas mais uma vítima da máquina destrutiva da modernidade. Ao lado de Araceli, que ninguém entende porque só fala a língua materna, os Natticks fazem parte do que Bruno Thibault chama de “a terceira voz desta história”. Sacrificada e quase silenciada, esta voz por si só é capaz de completar o que John e Scammon, apesar de todos cúmplices do desastre, não conseguiram dizer. Por outro lado, Araceli (assim como Laila de “Peixe Dourado”) havia sido roubada de seu povo. Da mesma forma, os vigias nattick emprestavam a voz e a língua (gritando “Awaité pawana”) à caça porque conheciam e respeitavam o sagrado e o secreto. Isto não sugere qualquer passividade da parte deles (Araceli, por exemplo, nunca se resignou ao seu cativeiro), mas implica que sem eles a história Pawana não poderia ter chegado a esta questão final partilhada pelos dois narradores: "Como podemos ousaria amar o que matamos? »

# Bibliografia



BEDRANE, Sabrinelle, DOUZOU, Catherine « Le partage de la parole : *Pawana* : Le Clézio/ Lavaudant », in LÉGER, Thierry, ROUSSEL-GILLET, Isabelle, SALLES, Marina (dirs), *Le Clézio, passeur des arts et des cultures*, Rennes PUR, 2010, p. 245-257 ; GILLET, Isabelle, « The story of a secret : Le Clézio from inheritance to origin : a look at two novels : *Le Procès-verbal* and *Pawana* », *Revue Analecta Husserliana*, M. Kronegger and A.T. Tymieniecka, tome LVII Life, Kluwer, academic publishers in the Netherlands, 1999, p. 383- 392 ; LE CLÉZIO, J.-M.G. *Pawana*, Paris, Gallimard, 1992 ; *Poisson d'or*, Paris, Gallimard, 1997 ; MILLER, Robert, « Le Malaise du sacré dans *Onitsha* et *Pawana* », *Nouvelles Études Francophones*, 20, 2 (2005) p. 31-42 ; MOSER, Keith, *The Complex Ambivalence of "Privileged Moments" in the Works of J.M.G. Le Clézio : Their Force, Their Limitations, and Their Relationship to Alterity*, diss. Université de Tennessee, 2007 ; THIBAUT, Bruno, « 'Awaité Pawana' » : J. M. G. Le Clézio's Vision of the Sacred », *World Literature Today*, 71, 4, 1997, p. 723-729.